

## Desafios pedagógicos e estruturais para o ensino do conceito de fronteira na educação básica

## Pedagogical and structural challenges for teaching the boundary concept in basic education

## Desafíos pedagógicos y estructurales para la enseñanza del concepto de límite en la educación básica

Juliana Tonin<sup>1</sup> , Marcelo Augusto Rocha<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

### Autor correspondente:

Marcelo Augusto Rocha

Email: marcellusaugustus@gmail.com>

**Como citar:** Tonin, J., & Rocha, M. A. (2024). Desafios pedagógicos e estruturais para o ensino do conceito de fronteira na educação básica. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 17(36), e21455.

<http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v17i36.21455>

### RESUMO

Investigou-se as práticas e saberes docentes de um grupo de professores de geografia do ensino fundamental que lecionam na fronteira trinacional, entre Brasil, Paraguai e Argentina, na região de Foz do Iguaçu - Paraná. Buscou-se analisar ainda, como esses professores trabalham o conceito de fronteira com seus alunos, identificando, quais estratégias e recursos didáticos empregam em suas aulas para este fim. Ao buscar compreender as relações que permeiam o ensino do conceito de fronteira, a pesquisa procurou dialogar com a visão e a experiência dos professores entrevistados que residem e vivenciam a fronteira trinacional. A aplicação do questionário se deu por meio Google Formulários, a partir da técnica de coleta de dados conhecida como “Bola de Neve”. Entre os resultados alcançados, destaca-se haver certa polissemia acerca do entendimento e da profundidade do conceito de fronteira entre os professores entrevistados. O material didático mais utilizado é o mapa, seguido de perto pelo livro didático. Entre o uso das mídias digitais, destacam-se vídeos do Youtube, apresentações de Power Point e documentários.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Prática docente. Estratégias de ensino. TDICs. BNCC.

### ABSTRACT

The teaching practices and knowledge of a group of elementary school geography teachers who teach on the trinational border, between Brazil, Paraguay and Argentina, in the region of Foz do Iguaçu - Paraná, were investigated. We also sought to analyze how these teachers work with their students on the concept of borders, identifying which teaching strategies and resources they employ in their classes for this purpose. By seeking to understand the relationships that permeate

the teaching of the concept of borders, the research sought to dialogue with the vision and experience of the interviewed teachers who reside and experience the trinational border. The questionnaire was administered using Google Forms, using the data collection technique known as "Snowball". Among the results achieved, it stands out that there is a certain polysemy regarding the understanding and depth of the concept of borders among the teachers interviewed. The most used teaching material is the map, followed closely by the textbook. Among the use of digital media, YouTube videos, Power Point presentations and documentaries stand out.

**Keywords:** Teaching Geography. Teaching practice. Teaching strategies. TDICs. BNCC.

## RESUMEN

Se investigaron las prácticas y conocimientos docentes de un grupo de profesores de geografía de educación básica que imparten clases en la frontera trinacional, entre Brasil, Paraguay y Argentina, en la región de Foz do Iguazu - Paraná. También buscamos analizar cómo estos docentes trabajan con sus estudiantes el concepto de fronteras, identificando qué estrategias y recursos didácticos emplean en sus clases para este propósito. Al buscar comprender las relaciones que permean la enseñanza del concepto de fronteras, la investigación buscó dialogar con la visión y la experiencia de los docentes entrevistados que residen y viven la frontera trinacional. El cuestionario se administró mediante Google Forms, utilizando la técnica de recolección de datos conocida como "Snowball". Entre los resultados alcanzados destaca que existe cierta polisemia en cuanto a la comprensión y profundidad del concepto de fronteras entre los docentes entrevistados. El material didáctico más utilizado es el mapa, seguido de cerca por el libro de texto. Entre el uso de medios digitales destacan los vídeos de YouTube, las presentaciones en Power Point y los documentales.

**Palabras clave:** Enseñanza de la Geografía. Práctica docente. Estrategias de enseñanza. TDIC. BNCC.

## INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a investigar o ensino de conceitos ligados à fronteira a partir das experiências dos professores de geografia que atuam na Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR). Mas, porque focar na análise de como se ensina o conceito de fronteira em escolas de fronteira?

A fronteira, longe de ser simplesmente um espaço geográfico, é um fenômeno social, político e cultural. Estudar a zona fronteira implica em entender processos de organização cotidiana dentro de um espaço politicamente descontínuo, onde as relações se dão de forma situacional e dialógica, podendo se dar também de forma autoritária e descontínua, com múltiplos agentes e atores que facilitam e também dificultam o viver fronteiriço, demandando um esforço de entendimento desta realidade complexa.

A multiplicidade das fronteiras e das relações de poder através de seus limites onde aprendemos a arte da convivência e da hospitalidade – mas também onde ensinamos e onde nos ensinam a conviver com o conflito, a perceber, como em nenhum outro lugar, em movimentos de avanço e recuo, fixação e mobilidade. É a partir deste cotidiano fronteiriço que as instituições escolares percebem que esta realidade aparece dentro dos muros, de modo que a compreensão não abandona a dimensão da existência e experiência.

Entre os questionamentos que movem este estudo, está o de como os professores entendem o conceito de fronteira, como o abordam em sala de aula e quais os possíveis desafios envolvidos nesse tema tão complexo. Buscou-se investigar ainda, como a vivência em ambiente fronteiriço afeta a percepção e a construção do conceito de fronteira. Paralelamente, um dos objetivos foi desenvolver um banco de dados na forma de um e-portfólio, com proposição de materiais como imagens de fotos e mapas, podcasts e videoaulas no qual, professores possam

buscar e compartilhar materiais multimídia que facilitem os processos de ensino e de aprendizagem sobre as fronteiras.

Atuar como docente, em território transfronteiriço, impõe a prática pedagógica uma série de desafios, questionamentos e reflexões sobre essa complexa realidade. Também se faz necessário pensar e (re)pensar o modo de vida fronteiriço, de forma a apresentar os contextos que circunscrevem as relações do Estado-nação e relacionam as fronteiras (geopolíticas e simbólicas) com a educação escolar (e sua construção a partir do Estado-nação). Os Estados nacionais criam forte tensão no campo educativo fronteiriço, pois sua forma de ação nacionalista impõe uma política pública desde o centro para a periferia que fortalece esse discurso, o que faz com que as escolas de fronteira acabem se tornando trincheiras culturais.

Defende-se que promover a interculturalidade nos processos de ensino e de aprendizagem pode ser um dos meios de se alcançar os objetivos educacionais que se espera. As ações dos docentes frente às contradições do cotidiano na escola de fronteira e a utilização de suas práticas e saberes se fazem visíveis nos esforços daqueles que se utilizam da complexidade do pensamento contemporâneo para atender as demandas específicas que se manifestam na sala de aula, relacionadas ao tema, sobretudo em relação a questão da diversidade cultural. Essa sobreposição de realidades atravessam o discurso oficial e criam pequenas aberturas de diálogos que possibilitam oportunidades para novas estratégias de ensino-aprendizagem para superar as descontinuidades e assimetrias em crítica ao modelo educacional vigente.

O estudo inicia-se com a contextualização do ensino em regiões de fronteira, suas congruências e incongruências. Na sequência, apresenta a metodologia empregada na pesquisa e os resultados da análise.

## **ENSINAR NA FRONTEIRA**

As escolas que estão situadas no território fronteiriço contêm uma série de peculiaridades e contradições no seu ambiente interno, devido ao encontro e desencontros de sujeitos e situações que acontecem em seu interior. As tensões que compõem o cotidiano das escolas de fronteira se dão justamente no ponto onde esse projeto educativo se encontra com uma realidade diferente do contexto em que a escola está inserida, e por isso, devem ser submetidas às reflexões a respeito dos processos sociais que são observados nessas escolas.

Os livros didáticos, por exemplo, apresentam geralmente as datas comemorativas da história nacional e os territórios municipais, estaduais/provinciais e nacionais do país que os alunos estão inseridos, tornando essas diferenças do projeto de escola-nação e de valorização das diferenças e das culturas locais, um desafio presente no cotidiano de instituições de ensino em condição fronteiriça. Essa perspectiva monocultural e homogênea na qual é pensada o currículo confronta com o cotidiano escolar fronteiriço, cujo projeto precisa ser concebido e desenvolvido de acordo com as especificidades locais, permeadas pela realidade sociocultural presente nestes espaços.

O currículo, por ser uma ferramenta pedagógica central na educação, tem se materializado em um território de disputa e de relações de poder, sendo imposto de cima para baixo, em um movimento altamente verticalizado e rigidamente hierarquizado. Sabe-se que, historicamente, o currículo escolar tem operado por um viés nacionalista, na tentativa de criar uma identidade nacional única, deixando pouco espaço para reflexões a partir dos lugares, especialmente as regiões de fronteira. No entanto, nas últimas décadas tem-se percebido um movimento maior, orquestrado por organismos e instituições internacionais como a UNESCO, a OCDE, o Banco Mundial entre outros, no sentido de globalizar o currículo a serviço do capital internacional.

A aprovação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), e a elevação do status de importância das avaliações em larga escala no país, como a Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), refletem o quão empenhadas estão, essas forças

transnacionais, alinhadas a movimentos ideológicos nacionais, de militarização da educação e de interesses econômicos ligados ao setor educacional, de territorializar o currículo nacional com ênfase nos livros didáticos, principal instrumento de ensino dos professores da educação básica.

A escola é um ponto de encontro e é considerado um espaço de integração em um estabelecimento público, podendo ser entendida como um equipamento que visa atender os sujeitos inseridos no seu contexto. É importante que ela ofereça aos seus alunos bases que lhes permitam identificar e posicionar-se frente às constantes mudanças e transformações contemporâneas. Encarregada de homogeneizar e igualar, a escola mal pode apreciar as diferenças, e por isso Candau (2011) coloca em seus textos que é indispensável instrumentalizar didaticamente a escola, para que seja possível trabalhar com a diversidade contida em seu interior. Cabe à escola assegurar a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã de seus alunos, estabelecendo uma relação autônoma crítica com a cultura, para que se tornem participantes em todas as instâncias da vida social contemporânea. Desta maneira, reforça-se a necessidade de uma educação voltada para a construção de uma cidadania consciente e ativa.

Ensinar na fronteira coloca uma provocação para os professores e para os alunos- em se reconhecerem como parte da construção do conhecimento e representações do mundo que os cerca. Neste sentido, o ensino da Geografia pode contribuir como um canal de diálogo entre os alunos a partir de suas histórias, e propor a prática educacional a partir da experiência dos alunos. Nenevé (2008) coloca que um dos desafios para a construção de uma proposta de educação multicultural, a incorporação desta temática, nos currículos das instituições destinada à formação de professores.

O corpo docente é mobilizado a produzir novos saberes a partir de suas práticas (TARDIF, 2002), e por esta perspectiva, eles são constituídos ao longo de suas vivências de prática da profissão e de suas vivências sociais; subsidiados pela compreensão das relações existentes entre a prática profissional e a constituição de saberes: é no cotidiano escolar, nas relações de socialização profissional que os saberes emergirão, de forma temporal. Ter presente a dimensão cultural potencializa os processos de ensino e de aprendizagem, tornando-os mais significativos e produtivos (Candau, 2011). As observações dos professores Bohrer, Rockenbach e Kaercher (2021) feitas a partir das suas práticas em sala de aula afirmam que o cotidiano da fronteira consegue ultrapassar o muro das instituições de ensino e se colocar mais presente nas salas de aula, aonde a diversidade de saberes e vivências tem a possibilidade de render frutos a partir do encontro.

A escola contribui para a formação humana, e pode derrubar ou reproduzir práticas discriminatórias, favorecendo ou dificultando a construção de um ambiente propício para a constituição de uma visão crítica do mundo, a depender do projeto político pedagógico que está sendo trabalhado. Candau (2011) aponta que a escola tem um papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais subalternizados e negados. E esta tarefa passa por processos de diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, a utilização de pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos e o combate a toda forma de preconceito e discriminação no contexto escolar.

Para um maior entendimento dos diferentes fluxos da região fronteira, é importante observar quão importante é a utilização de práticas escolares diferentes das tradicionais, no sentido de que os alunos compreendam e atuem sobre essa realidade complexa. Para que os alunos entendam os espaços na sua vida cotidiana é necessário que aprendam a olhar, ao mesmo tempo, para um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local (Cavalcanti, 2006, p.32).

O fronteiro coloca à escola um desafio de transgredir o formato disciplinar para um caráter interdisciplinar e intercultural, que através do diálogo e convivência criam relações pedagógicas que atravessam o currículo. O espaço geográfico, como um produto social e histórico, é uma ferramenta que permite analisar a realidade, tanto na sua dimensão material quanto na sua representação. Ao

conhecer e respeitar “o outro”, para além de uma cooperação transfronteiriça, quebra-se com a perspectiva da “escola-barreira”, que é construída num cenário nacionalista e militar (Albuquerque & Souza, 2014), e começamos a pensar numa “escola-ponte”. Na sequência apresenta-se os procedimentos metodológicos da pesquisa.

## METODOLOGIA

Este texto apresenta um recorte da pesquisa de mestrado intitulada: *Fronteira e Ensino: Materiais Didáticos Possíveis*, desenvolvida com o auxílio de professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná, da cidade de Foz do Iguaçu. Sua análise situa-se no entrelaçamento dos desafios pedagógicos, epistêmicos e estruturais para o ensino do conceito de fronteira na educação básica, especialmente em regiões de fronteira, partindo do olhar das participantes da pesquisa.

Os dados foram coletados por intermédio de um questionário aplicado a partir da plataforma do Google Formulários, utilizando redes de referência, com a identificação destes atores sociais que são reconhecidos pelos seus pares. Para isso foi utilizada a técnica conhecida como “Bola de Neve”: este procedimento consiste em uma pesquisa social onde os participantes indicam novos participantes, e assim sucessivamente, até que seja alcançado um “ponto de saturação”. Os atores sociais são indicados pelos seus pares, formando uma rede social em que um membro reconhece o outro, formando uma forma de

amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa. (Baldin & Munhoz, 2011, p.332).

Os professores de geografia que lecionam na Educação Básica em escolas da região trinacional de Foz do Iguaçu – PR, foram selecionados como o público alvo da pesquisa a fim de contribuir com o entendimento de como se ensina o conceito e as especificidades da fronteira, na fronteira por pessoas que a vivenciam cotidianamente. O fato de a disciplina Geografia estar ligada ao universo conceitual abordado e por abranger outros conceitos necessários ao entendimento desse nó de singularidades e de complexidade epistemológica que é a fronteira, também foi preponderante para a seleção do público alvo.

Na formulação das perguntas buscou-se compreender, como os professores se relacionam com o contexto fronteiriço e como se dá sua prática docente, bem como, quais são os recursos didáticos que utilizam em suas aulas. Os formulários com as perguntas ficaram disponíveis para serem respondidos durante trinta dias e teve como participantes os professores da disciplina de Geografia que atuam na Educação Fundamental nas Rede Estadual em Foz do Iguaçu, em função de sua influência na discussão de conceitos relacionados ao seu entorno. O questionário foi composto por 11 perguntas abertas, divididas em dois blocos: o primeiro bloco de perguntas relativas à territorialidade e a percepção da vivência fronteiriça e o segundo bloco com perguntas relacionadas com sua prática docente.

Permitir que os professores usem suas próprias palavras para contar os desafios de educar na fronteira se torna uma oportunidade para entender também como eles mesmos enxergam o local que vivem e de como tudo isso atravessa o fazer pedagógico. Suas falas e posicionamentos são analisados e apresentados de acordo com os preceitos da Análise Textual Discursiva (Moraes & Galiuzzi, 2007), no tópico a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as respostas dos professores, a maioria dos entrevistados (81.8% dos professores), percebem que o fato de viverem em uma cidade fronteiriça influencia, de alguma forma em suas vidas diárias.

A justaposição de diversos símbolos, signos e significados são interpretados de diferentes maneiras por cada sujeito e sua forma particular de explicar o que representa o cotidiano fronteiriço. Desse modo, um segundo grupo de professores (18,2%), não sentem qualquer influência em seu cotidiano, por viverem em uma cidade de fronteira. Existem diferentes formas de estar e perceber um lugar; e este pluralismo epistemológico, baseado na sua origem e na forma de perceber o mundo, acabam por influenciar a forma como cada um constrói sua aula. Estes saberes que estão na trajetória pré-profissional dos professores, tem um peso importante na mobilização dos saberes que serão mobilizados e utilizados no exercício do magistério (Tardif, 2002).

Trabalhar na docência em território fronteiriço é uma circunstância que apresenta uma série de desafios que são ligados à uma prática docente de questionamentos e reflexões para a compreensão sobre essa realidade complexa, e que só são possíveis a partir da formulação de novas práticas docentes. Ao buscar compreender as relações que permeiam o ensino do conceito de fronteira, a pesquisa busca dialogar com as especificidades da temática sob dos conteúdos da disciplina de geografia.

Quando questionados acerca de sua compreensão de fronteira, os professores deixam aparecer o sujeito “epistêmico” e “existencial” que se coloca diante do mundo em relação com o conhecimento a partir de sua vivência e memória, os exemplos, esquemas, procedimentos e representações a partir das quais organiza as novas informações (Tardif, 2002, p.104).

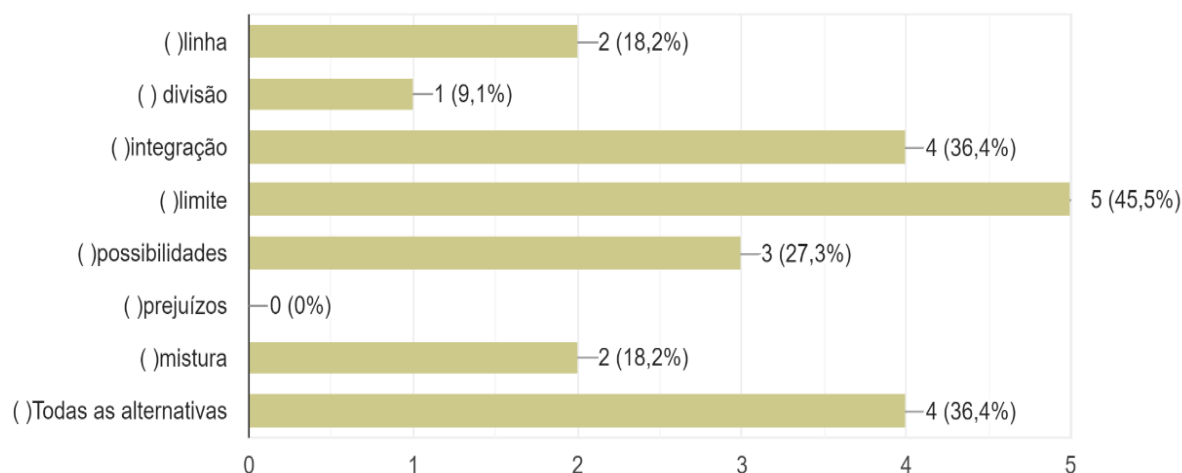
As fronteiras usualmente nos convidam a construir outras perspectivas, multi e interdisciplinares com características transfronteiriças que problematizam limitações acadêmicas e certezas intelectuais. Considerando que o espaço da fronteira tem um significado político, econômico, cultural e social de caráter polissêmico, o profissional da educação em Geografia, de posse de uma visão reflexiva acerca da própria formação possui elementos que contribuem para criar junto a si e a seus alunos, uma compreensão maior do espaço que vivem e das dinâmicas do mundo em contínua transformação.

Considerando que o espaço da fronteira tem múltiplos significados, que passam pelos políticos, econômico e cultural, as especificidades desse local demonstram como não somente os países, mas também as pessoas se inter-relacionam dentro de suas assimetrias. Aqui cabe como exemplo a imagem do caleidoscópio, que justapõe e mistura as cores, que mudam conforme a movimentação e que a partir dessa dinâmica, cria novas relações entre as formas. As respostas revelam que para essa pergunta existe uma maior complexidade e varia, dependendo de quem a responda. Nomear os limites, sejam eles físicos ou demarcações entre países, as zonas próximas aos pontos limítrofes e suas inter-relações variam conforme a experiência de cada sujeito.

**Gráfico 1: Definições de fronteira**

1- O que é fronteira para você? Como você define e entende a cidade de fronteira?

11 respostas



Fonte: Dos Autores

Dos professores e professoras que responderam ao questionário, 36,5% escolheram todas as alternativas das que foram sugeridas nas perguntas. O mesmo número apareceu com respostas que consideram a fronteira apenas como limite. As respostas que consideram também os sistemas sociais, políticos e econômicos que dividem e unem simultaneamente uma, duas ou mais situações começam a tatear a complexidade de definição do que pode vir a ser fronteira.

A partir de um ensino que englobe a fronteira, parte-se também de que os processos históricos de construção da fronteira devem ser considerados, assim como as suas manifestações físicas, os fluxos, atravessamentos e os movimentos transfronteiriços, a paisagem e a distribuição de recursos naturais, os esquemas de permissividade e os esquemas de opressão que se fazem presente no cotidiano de quem vive na fronteira. Tallei (2019, 162), defende esta definição mais ampla de fronteira, partindo da reflexão de que a educação está intimamente ligada à forma como a região é pensada. Desse modo,

pensar uma política de formação permanente de professores, da, e para a fronteira, implica pensar a região e o contexto em que os professores realizam o seu trabalho cotidiano, exigindo pensar a fronteira a partir dos seus múltiplos significados: econômico, geográfico, histórico, social e discursivo.

Nesta condição, o ato pedagógico exige uma preparação e reflexão diferenciada, para aqueles professores que reconhecem e pensam a singularidade da fronteira, ainda que seja possível ensinar em uma cidade de fronteira dentro da lógica do nacional, sem uma abertura para essa outra possibilidade. Isso implica na necessidade de trazer a fronteira para o centro do debate, buscando outras possibilidades, como de revelar novas dimensões de organização social a partir de um objeto de estudo que vai exigir uma constante reflexão epistêmica. Ao forçar uma problematização dos lugares comuns, o espaço da fronteira estimula a busca por perspectivas de ensino interdisciplinares com foco nas diversas maneiras de pensar a cidadania, as línguas, as assimetrias territoriais e sobreposição de identidades e suas misturas culturais.

Buscar a articulação da singularidade da fronteira para além da perspectiva nacional é um desafio para os professores de Geografia (e não somente para estes). Ao tecer seu trabalho junto aos seus alunos, estes podem investigar as relações presentes em sua localidade, a fragmentação do espaço, relações entre as decisões políticas e econômicas que afetam a região, sobre a

diversidade cultural e a dinâmica de contínua transformação, entre outros temas que podem ser abordados em sala de aula. Pensar o espaço geográfico implica na contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo a partir do seu lugar. Ao situar espacialmente os fenômenos locais e globais e suas relações, sua visão de mundo, integrada, faz com que o seu entendimento e suas práticas sociais se desenvolvam em níveis suficientes para atuar como sujeitos participantes e transformadores da vida social.

Considerando a importância do conceito de fronteira, sobretudo para quem a vivencia, questionou-se aos participantes da pesquisa, se este está presente nos materiais didáticos fornecidos pela SEED-PR.

Para os professores entrevistados, 63,6% conseguem perceber a fronteira nos materiais didáticos encaminhados pela SEED-PR. Sabe-se que o livro didático sempre desempenhou um papel central na educação, no entanto é importante considerar a necessidade de combinação com outros recursos de ensino-aprendizagem, que podem ser pensados para atender as demandas de suas realidades. Para escolher o material didático, os professores precisam considerar o currículo que a escola propõe, em consonância com o método de ensino-aprendizagem que será usado em sala de aula.

Por estarem dissonantes à norma nacional, as escolas de fronteira colocam um desafio aos professores de geografia frente ao currículo e aos materiais didáticos no que toca sua ação frente às demandas de explicar sua localidade. Considerando que o livro didático desempenha um importante papel na mediação do conteúdo e desempenha um significativo alicerce nos processos de ensino-aprendizagem, os livros escolhidos devem atuar como estímulo para os alunos. Ainda que deveras importante, não deve ser entendido como única fonte de conhecimento, haja visto a enorme gama de possibilidades, incluindo aí as novas tecnologias que estão presentes no dia a dia dos alunos.

Quando em região de fronteira, existem outras territorialidades e históricos escolares que diferem entre os países, de modo que influenciam o cotidiano escolar, o sistema escolar também é um demarcador da lógica do estado-nação, feita por meio de suas práticas e saberes que reforçam essa lógica. “É a existência da educação nacional que compõe o horizonte abrangente tanto de similaridade quanto de tensão para as escolas em contextos fronteiriços” (Silva, 2021, p.36). A vivência na escola que se localiza na fronteira faz lembrar que a condição geográfica também se expressa nas relações pedagógicas que dialogam com o currículo.

Dentro das perguntas formuladas, havia o interesse em entender como os professores percebiam a relação entre a vivência dos alunos no território fronteiriço e quais eram as percepções deles dentro do entendimento dos conceitos de lugar, paisagem, território e espaço geográfico, que são categorias fundamentais para a construção do pensamento geográfico. As respostas puderam ser categorizadas em três grupos, que foram divididos para compreender a ideologia e seu funcionamento imaginário articulado com os conceitos que estão sendo pesquisados.

Para cada categoria foram separados blocos de perguntas que têm relações entre si: o primeiro grupo descreve a fronteira no campo da integração, levando em conta os processos interculturais. O segundo bloco de respostas está focado na relação das crianças com o ambiente fronteiriço em função do trabalho de seus pais. No terceiro grupo de respostas está a vivência dos alunos que não participam do ambiente fronteiriço, apesar de viverem numa cidade de fronteira.

Para os professores P1 e P11 encontra-se um discurso de integração fronteiriça pela cultura, podendo ser trabalhado com os alunos com os exemplos de circulação de mercadorias e pessoas, bem como o tensionamento por meio dos princípios da teicopolítica<sup>1</sup> e da xenofobia em períodos de crise.

---

<sup>1</sup> De acordo com Rosière (2015, p. 370), a teicopolítica, tem se firmado como política de construção de muros em diferentes escalas, tornando-se uma nova forma geopolítica de ordenamento espacial.

Na cidade de Foz do Iguaçu percebo a questão de fronteira através dos povos estabelecidos nesta região, circulação de produtos, pessoas, leis e normas de cada país da tríplice fronteira. A articulação em sala de aula com os alunos, depende muito do tema que estou trabalhando. Na realidade, sempre construo o pensamento através do quesito regional para que todos os alunos tenham uma percepção melhor do conteúdo através das experiências locais de fronteira. Isso no caso, quando o conteúdo possibilite a reflexão e o entendimento sobre questão de fronteira. (P1)

Para além da investigação de questões que estejam relacionadas ao saber geográfico escolar, é preciso que seja trabalhada uma docência que considere que a aprendizagem seja efetiva é necessário levar em conta as características socioculturais, intelectuais e afetivas de seus alunos. Conforme coloca Cavalcanti, a experiência tem mostrado a ineficácia de se ensinar conceitos às crianças ou ao jovem apenas transmitindo a eles o conceito definido no livro ou elaborado pelo professor. A pesquisa corrente sugere que o professor deve propiciar condições para que o aluno possa formar, ele mesmo, um conceito (Cavalcanti, 1998, p 26). É necessário, portanto considerar as especificidades e as relações cotidianas e relacionar aos conceitos que precisam ser ensinados.

Tensionamentos no cotidiano devido a aspectos sociais, com a intensificação radical da xenofobia em períodos de crise econômica e fragmentações culturais decorrentes das divisões modernas que foram hierarquicamente estabelecidas entre os territórios, sem considerar a integração orgânica que une esses espaços, tanto nos aspectos culturais quanto populacionais. (P11)

A multiplicidade das fronteiras e das relações de poder através de seus limites é abordada por uma de suas dimensões mais ricas, mas muitas vezes negligenciada: a pedagógica. Para Tallei, (2019, p.163), “a cidade de Foz de Iguaçu é multicultural e diversificada, mas ainda avança para se tornar uma cidade verdadeiramente transcultural e plurilíngue, com o reconhecimento de todas as suas línguas e culturas. Isto implica em pensar que o contexto no qual os professores realizam suas tarefas cotidianas exigem que se pense a fronteira desde seus múltiplos sentidos. O professor P9 coloca que “Percepções de diferentes escalas cartográficas e geográficas que podem ser exploradas no cotidiano das pessoas por diferentes representações espaciais”, assinalando a forma de ensinar, para que esta seja aproveitada a relação de seus alunos com a fronteira.

Um segundo bloco de respostas foi percebido no que toca a problemática do trabalho dos pais dos alunos que frequentam a escola. De acordo com o P5: “O uso do imaginário e ambientação a vivência dos alunos promovem estreitos laços com a temática, muitas vezes já há conhecimento prévio advindo do ambiente familiar sobre o tema”; e com o professor P8: “Com o trabalho da família dos alunos no trabalho informal no Paraguai”. É neste contexto que as tensões constitutivas do Estado-Nação se fazem presentes na escola: Os conceitos do Estado-Nação vão sendo instituídos na vida das crianças fronteiriças por via dos conteúdos, com os pais/adultos responsáveis trabalhando ilegalmente no transporte de mercadorias ao mesmo tempo que a escola também é constituída pela legalidade dentro desta mesma lógica.

A escola é um território no qual o modo de vida fronteiriço e suas diversas camadas e sobreposições de vida cotidiana (trabalho legal/ilegal), do direito (como a participação na educação pública) e a vida (condição material de sobrevivência, o trabalho dos adultos) se encontram, ora radicalizando ora relativizando os limites.

O entorno socioespacial da escola, a geografia de oportunidades nela instalada, constituem fatores da escala local que repercutem sobremaneira na construção das desigualdades de oportunidades, bem como das desigualdades escolares. É nesse território que são travadas relações sociais com forte grau de complexidade. (Dorfmann; Fiziola; Félix, 2021, p.21)

O terceiro grupo de respostas apontam duas respostas que se colocam de forma contraditória com a maioria. De acordo com o professor P6 a relação dos alunos com a vivência na fronteira é “Muito precária, os alunos não conhecem o lugar em que vivem.” O mesmo se dá com a percepção do professor P10: “Articulação pouco relevante e longe da realidade do aluno.” Aqui percebe-se o tamanho do desafio dos docentes, porque mais que ensinar apenas conteúdos, é preciso ensinar por meio de atividades de suas aulas, o desenvolvimento de capacidades e habilidades. Parte dessas habilidades consiste em criar um ambiente que desenvolva uma atitude indagadora diante de cada realidade, com capacidade de análise frente a essas realidades, aos fatos de seu contexto socioespacial.

Devemos considerar, enquanto professores que desejam que seus alunos tenham uma percepção dos temas complexos, a compreensão de que existem uma multiplicidade de perspectivas e tipos de conhecimentos, onde ensinar Geografia vem junto com a convicção de que aprender sobre o espaço circundante é importante na medida que é uma dimensão da realidade. A finalidade de ensinar Geografia deve ser de ajudar a formar uma mentalidade crítica e com outros universos culturais, para pensar o espaço de forma abrangente e proporcionando uma dimensão que aproxima sujeitos dos seus espaços vividos. Para isso é importante conhecer e entender os objetivos e metas da escola onde se ensina.

O currículo escolar, é apontado como um modo de seleção da cultura produzida pela sociedade para a formação dos alunos, é tudo o que se espera que seja aprendido e ensinado na escola. Cabe então aos professores assegurar um ensino preocupado com a construção de conceitos e ter atenção no que toca a manutenção da relação dialógica com os alunos. Para Libâneo (1985), o Projeto Político Pedagógico é um documento que garante a autonomia para as instituições de ensino em relação à proposta de orientação de suas práticas educacionais, estabelecendo os objetivos do ambiente educacional, podendo incluir desde a proposta curricular até a gestão administrativa no mesmo. É papel da escola formar cidadãos que estabeleçam uma relação crítica e construtiva, participantes da vida social contemporânea. Neste contexto, escola é entendida como mediação entre o individual e o social, articulando a transmissão dos conteúdos e a assimilação ativa por parte do aluno e dessa articulação é construído o saber criticamente reelaborado.

Mas como o conceito e suas especificidades chegam aos estudantes em sala de aula? No próximo tópico avançamos um pouco mais nesta compreensão.

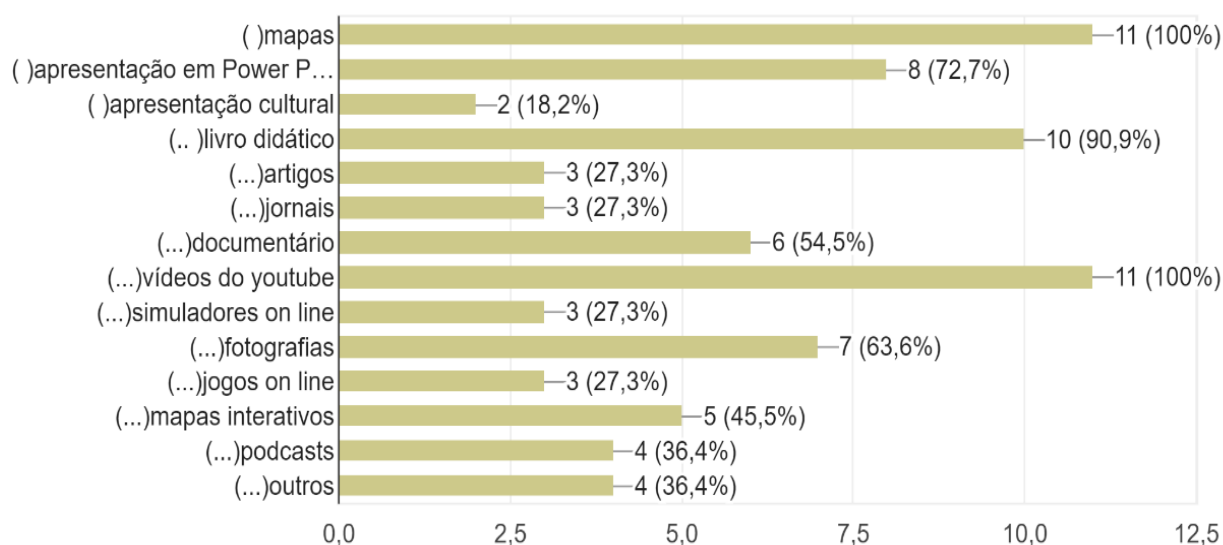
### **A fronteira vista da sala de aula**

A partir de um ensino que englobe a fronteira, parte-se também de que os processos históricos de construção da fronteira devem ser considerados, assim como as suas manifestações físicas, os fluxos, atravessamentos e os movimentos transfronteiriços, a paisagem e a distribuição de recursos naturais, os esquemas de permissividade e os esquemas de opressão que se fazem presente no cotidiano de quem vive na fronteira. Nesta condição, o ato pedagógico exige uma preparação e reflexão diferenciada. Implica na necessidade de trazer a fronteira para o centro do debate, buscando outras possibilidades, como revelar novas dimensões de organização socioespacial.

**Gráfico 2:** Recursos didáticos utilizado em sala de aula

6- Que recursos didáticos você utiliza com mais frequência em suas aulas?

11 respostas



Fonte: Dos Autores

A escola é um território onde o modo de vida fronteiriço e suas diversas camadas e sobreposições da vida cotidiana se inter-relacionam, ora radicalizando ora relativizando os limites. Desde a distribuição desigual de oportunidades, inclusive pedagógicas, até o acesso, ou não a trabalho (legal/ilegal) e a direitos mínimos necessários a sobrevivência. É nesse território que são travadas relações sociais com forte grau de complexidade (Dorfmann; Fiziola; Félix, 2021, p.21).

Sabendo do potencial da escola para formar cidadãos que estabeleçam uma relação crítica e construtiva no meio onde vivem, como os professores vem lidando, especialmente com a temática da fronteira e que materiais didáticos utilizam em suas aulas para construir conhecimentos sobre o tema? Os materiais didáticos citados pelos entrevistados podem ser categorizados em dois grupos: os materiais tradicionais (mapas, apresentações culturais, livro didático, artigos, jornais e fotografias) e aqueles centrados nas tecnologias digitais de informação e comunicação - TDIC (apresentações no Power Point, vídeos de documentários, vídeos no Youtube, simuladores, jogos online e podcasts), de acordo com o gráfico 2, apresentado anteriormente.

O uso de mapas, foi o recurso didático tradicional mais utilizado entre os professores, com 100% de indicação, seguido do livro didático com 90,9%. Por sua importância no processo de construção do conhecimento e noção de espacialidade, os mapas são documentos geográficos por excelência. A compreensão dessas representações espaciais em sínteses geográficas podem ser a chave para o entendimento, tanto da organização espacial como da espacialização dos fenômenos. Nesse sentido, destaca-se que, se os mapas foram um dos materiais didáticos tradicionais mais registrados pelos professores, por outro lado, os mapas interativos digitais, alcançaram 45,5% da preferência dos professores, consolidando o mapa como um valioso aporte pedagógico.

O livro didático também foi apontado como um dos materiais mais utilizados, sendo este, sabidamente, o aporte mais comum entre os professores na sala de aula. Não por acaso, este é o recurso mais utilizado, por fazer parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e do plano pedagógico de as escolas, servindo de referência e guiando o trabalho do professor. Ao assumir que o livro didático tem certa centralidade no processo educativo, o olhar crítico e reflexivo dos professores torna-se fundamental para que a aprendizagem dos conteúdos seja significativa em consonância com a realidade de seus alunos.

Já entre os instrumentos digitais, se sobressaíram entre os professores, os vídeos do Youtube com 100% de uso, slides feitos por meio do software Power Point com 72,7% e fotos e imagens com 63,6%. Vídeos têm sido cada vez mais utilizados como recurso pedagógico. Seja como estímulos visual e sonoro, seja para ilustrar determinado conceito ou conteúdo. Com o advento da Pandemia da Covid 19, o uso se intensificou e novas possibilidades se abriram acerca desse instrumento. Nas palavras de Demo (2009, p. 53), mais que usar imagens e vídeos disponíveis na internet, o desafio agora parecer o de saber criar conteúdo. São inúmeros os canais com conteúdo geográfico no youtube feitos por e para professores.

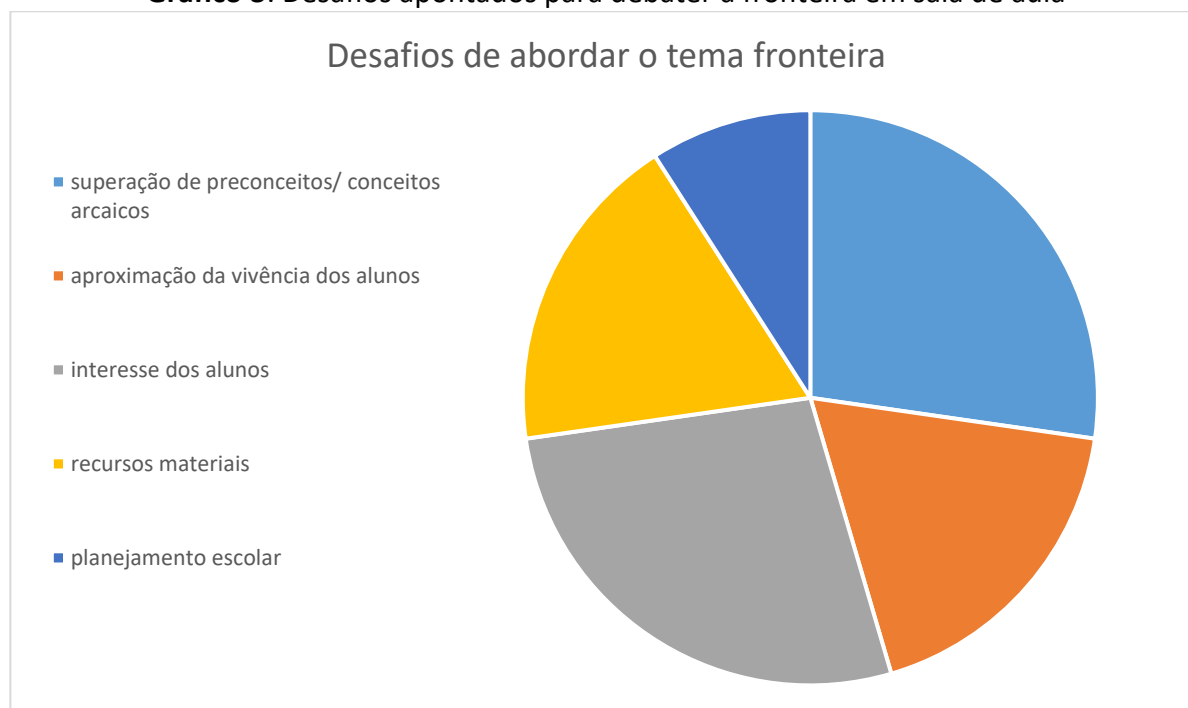
A utilização de documentários também teve uma expressiva pontuação, com 54.5% das respostas. Um ponto importante a ser considerado é que os documentários não devem ser entendidos como uma verdade absoluta e não podem ser utilizados como fonte totalmente fidedigna da realidade, visto que a base fundamental do cinema é a edição (cortar e montar) para criar uma linha narrativa. Embora haja documentários que exibam imagens de arquivos históricos, entrevistas com testemunhas de eventos e elementos extraídos da realidade.

O emprego de mapas interativos alcançou 45.5% das indicações, apontando para uma possibilidade de articulação relevante com outras técnicas de ensino. Nesta categoria também poderiam ser incluídos os jogos e simuladores online: ambos foram apontados por 27.3% dos professores como possibilidades de material didático. Observa-se que é um material didático que busca conciliar a realidade dos alunos, que são usuários das tecnologias, com o processo de aprendizagem. Os podcasts também apareceram enquanto possibilidade de material didático com 36,4%. Esse tipo de mídia pode conter reportagens, interpretações históricas, narrativas científicas, novelas e literatura. Pode ser aproveitado pelos professores de diversas maneiras, entre elas de gravar seus conteúdos, fazer apresentações especiais ou mesmo instigar seus alunos a produzirem trabalhos escolares dentro dessa linguagem.

Sabidamente, não basta o professor querer usar um determinado recurso ou estratégia didática, é preciso ter o respaldo, a infraestrutura e os incentivos necessários da escola. Nesse sentido, avançamos no estudo identificando quais os desafios para se debater e ensinar as especificidades da fronteira em sala de aula.

### **Desafios docentes e estruturais**

Entre os desafios mais complexos e difíceis de lidar, para ensinar sobre a fronteira, está o apontado pelos professores P2 e P3, a falta de interesse dos alunos, somando 27% das indicações. Estes argumentam que “Os desafios são os mesmos de outros conteúdos, isto é, fazer com que os alunos estejam dispostos a ouvir e a estudar o tema” e “São temas presentes no cotidiano, e o desafio acredito é fazer que o aluno tenha interesse em estudar”. Minimizar a falta de interesse dos alunos é um desafio global, com consequências intensificadas no pós-pandemia. Políticas públicas equivocadas, recursos financeiros insuficientes, infraestrutura escolar deficiente e ultrapassada, problemas sociais e econômicos de toda ordem são só algumas das possíveis causas. O gráfico 3 a seguir ilustra os desafios apontados pelos professores para debater e ensinar as especificidades da fronteira em sala de aula.

**Gráfico 3:** Desafios apontados para debater a fronteira em sala de aula

Fonte: Dos Autores

Além do desinteresse dos alunos na estrutura defasada da escola e na ausência de um ambiente de aprendizagem propício ao ofício do professor e as necessidades dos alunos, questões de ordem sociopolítica, econômica e administrativa atravancam o modelo de escola que a sociedade almeja.

A superação de preconceitos preocupou 27% dos entrevistados. Como se sabe, recentemente, com mais força durante a pandemia, forças políticas de extrema direita, financiadas por interesses econômicos travou uma verdadeira guerra contra a Ciência, o conhecimento, os professores e mais diretamente contra a universidade pública.

As fontes de uma parcela considerável dos (pré)conceitos que inundam o sistema escolar atualmente, são as mesmas que outrora aliciavam as famílias no auge da pandemia, sobre a forma de mentiras compartilhadas na internet ou como se popularizou chamar, de fake News. Preconceitos são difíceis de serem superados e a escola tem um papel importante nisso. No entanto, esta sua missão se torna cada vez maior e mais distante ao se deparar com as limitações impostas pelos políticos que a controlam.

A dificuldade de se aproximar das vivências dos alunos somou 18% e caracteriza uma das mais perversas formas de precarização do trabalho docente na atualidade. Os processos seletivos simplificados – PSS, para a contratação de professores temporários no estado do Paraná, foram pensados para momentos pontuais e de emergência, mas têm sido usados como regra para preencher as vagas nas escolas estaduais.

A difícil rotina de um profissional contratado pelo regime de trabalho PSS se traduz no excesso de trabalho, muitas vezes em mais de três escolas diferentes e em locais distantes entre si. A falta de garantias trabalhistas e a ausência de continuidade em uma mesma comunidade escolar coloca em xeque a possibilidade de acompanhar de perto e com frequência os avanços e as limitações dos estudantes, resultando, entre outras barreiras, na impossibilidade de se aproximar das vivências dos alunos atendidos.

Da mesma forma, a ausência ou a insuficiência de recursos materiais e de infraestrutura minam as poucas tentativas isoladas de professores reflexivos que buscam melhorar e ampliar o alcance das suas aulas. Estas somaram 18% entre os entrevistados evidenciando, uma vez mais

como as políticas públicas e o papel dos gestores educacionais, atrelados aos interesses financeiros prejudicam a educação pública. Esta rotina perversa e cansativa que apregoa os profissionais da educação afeta ainda outra importante questão apontada pelos professores participantes da pesquisa. A correria e os atropelos do dia-a-dia não têm deixado espaço para o planejamento escolar que somou 9% das indicações. E mesmo quando este acontece, as demandas, cada vez maiores sobre os professores, somadas aos demais desafios aqui levantados, tornam qualquer planejamento pedagógico impossível de se concretizar na prática, criando um ciclo vicioso e perverso de má formação e de desestímulo a aprendizagem dos estudantes e de desmotivação a carreira profissional de professores.

## CONCLUSÃO

Neste estudo buscou-se articular o conceito de fronteira e os materiais didáticos possíveis para se trabalhar este conteúdo escolar, por meio da percepção de professores de Geografia que lecionam na tríplice fronteira localizada na região de Foz do Iguaçu – PR. Discutiu-se sobre a necessidade de se valorizar elementos do dia-a-dia dos estudantes relacionados aos lugares nos quais as escolas estão inseridas, em detrimento da proposição mais geral e simplista presente na BNCC.

A fim de contribuir com a discussão da globalização dos currículos, contou-se com a experiência profissional e conceitual dos professores de Geografia que vivem e atuam na fronteira. Nortear, ou melhor, sulear o cotidiano fronteiriço, mesmo que periférico dos alunos nas aulas é trabalhar com a perspectiva da realidade local, é levar os alunos a compreender o lugar onde vivem e por que vivem dessa maneira. É ir contra a hegemonia curricular, já que os conteúdos, muitas vezes, são invisibilizados pelo próprio Estado, dificultando o acesso a um currículo abrangente e a materiais didáticos que proporcionem reflexões significativas.

As repostas às perguntas elencadas a priori indicam que os professores entendem o conceito de fronteira de forma polissêmica e que a forma como abordam o tema em sala de aula depende de vários fatores, inclusive de como os próprios educadores compreendem o contexto da fronteira.

Os desafios de abordar as especificidades da fronteira em sala de aula consistem, para além do enfrentamento da discussão, por parte dos professores e da superação de preconceitos arraigados na cultura local, por parte dos alunos, questões que perpassam o universo político e que fogem, muitas vezes ao controle e ao desejo das pessoas envolvidas nesse processo. Mesmo com ações pontuais nas quais os professores tornam sua prática pedagógica mais próxima da vivência dos alunos, relacionando e contextualizando elementos da fronteira aos conteúdos, para que os mesmos aprendam a olhar e interpretar sua vida cotidiana, auxiliando na construção de um pertencimento mais amplo em relação ao seu lugar, diversos outros desafios se erguem, impulsionados por interesses financeiros sobre a educação pública paranaense. A questão da deficiência na infraestrutura escolar, da precarização da carreira docente e da insuficiência de materiais pedagógicos disponíveis nas escolas, está intrinsecamente ligada a questão política.

A análise dos dados leva a concluir ainda que a complexidade da vida fronteiriça atravessa o dia-a-dia da maioria dos estudantes, e isso acaba influenciando a forma como percebem e se movem no mundo. Reflexões a partir da interculturalidade e da multiculturalidade podem auxiliar, professores e alunos em suas limitações conceituais e preconceitos, inclusive aumentando o interesse por temas próximos da sua realidade. Diante desse fato, defende-se que a escola real, cotidiana, se faz na diferença, no contato com o outro e pode ser pensada enquanto um território de produção de sentidos, com ênfase nos mais próximos até os mais distantes.

A construção do conhecimento a partir do ensino com elementos facilmente relacionados com o dia-a-dia, pode fazer com que os alunos se sintam mais estimulados nas aulas. Mas, em contrapartida, é preciso lembrar que a BNCC apresenta uma geografia fragmentada de conteúdos simplificados, que hegemoniza e induz práticas escolares em direção ao processo de consolidação

de uma agenda política neoliberal internacional, que atende a interesses de setores econômicos. Seguindo a mesma lógica, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) reafirma as diretrizes contidas no plano de implementação das orientações do BNCC.

O principal desafio que se coloca neste momento de incertezas e reconstrução nacional será voltarmos a pensar a escola a partir do seu lugar no mundo e na perspectiva de lugar de pessoas auxiliando no desenvolvendo de outras pessoas, no melhor entendimento da humanização freiriana.

**Contribuições dos Autores:** Tonin, J.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Rocha, M. A.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**Aprovação Ética:** Não aplicável.

**Agradecimentos:** Não aplicável.

## REFERÊNCIAS

- Albuquerque, J. L. C., Sousa, F. A. (2024). Escolas de Fronteira: percebendo diferenças, construindo pontes. Trabalho apresentado na 29ª reunião brasileira de antropologia, Natal/RN.
- Albuquerque, J. L. C., & Cardin, E. G. (2018). Fronteiras e deslocamentos. *Revista Brasileira de Sociologia*, 6(8), 114-131.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. S. (2011) (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em Educação Ambiental Comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba: Editora PUC.
- Bohrer, M., Rockenbach, I.A., Kaercher, N. A. (2021). Dimensões docentes em instituições federais na fronteira. In: Dorfman, A., Félix, J. M., & Fiziola, R. Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade. Porto Alegre: Editora Letral; Editora Diadorim.
- Brasil. (2017). Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME.
- Candau, V. M. F. (2011). Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Círculo sem Fronteiras*, 11(2), 240-255.
- Cavalcanti, L. S. (2006). Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: Cavalcanti, L. S. Formação de professores: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Vieira, 27-49.
- Dorfman, A., Fiziola, R., & Mokwa, J. (2021). Ensinar A Fronteira -uma introdução. In: Dorfman, A., Félix, J. M., & Fiziola, R. Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade. Porto Alegre: Editora Letral; Editora Diadorim.
- Moraes, M. C., & Galiazzi, M. C. (2007). Análise Textual Discursiva. Ijuí: UNIJUÍ.
- Nenevé, M., Pansini, F. (2008). Educação Multicultural e Formação Docente. *Revista Currículo Sem Fronteiras*, 8(1), 31-48.
- Paraná. (2019). Secretaria de Estado de Educação. Currículo da Rede Estadual Paranaense - CREP – Língua Inglesa, EF. Curitiba: SEED.
- Rosière, S. (2015). Mundialização e teicopolíticas: análise do fechamento contemporâneo das fronteiras internacionais. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 42(2), 369-388.
- Silva, R. C. M. (2021). Escola e educar na fronteira: atos do Estado se (des)fazendo em seus limites. In: Dorfman, A., Félix, J. M., & Fiziola, R. Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade. Porto Alegre: Editora Letral; Editora Diadorim.
- Tallei, J. (2019). Pensando uma pedagogia de fronteira desde a cidade de Foz do Iguaçu, Brasil. *Revista MERCOSUR de políticas Sociales*, 3, 156-164.
- Tardif, M. (2002). Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes.

**Recebido:** 16 de julho de 2024 | **Aceito:** 3 de novembro de 2024 | **Publicado:** 26 de dezembro de 2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.